

IDENTIDADES ESTEREOTIPADAS: ANALISANDO O ESTEREÓTIPO DA “SOLTEIRONA  
NO CORDEL”

Andrea Cristina Marques / UEPB

Os Estudos Culturais inauguram na contemporaneidade novos procedimentos de suas práticas epistemológicas orientadas por dois grandes eixos reflexivos: as representações culturais e as novas tecnologias. Esse movimento foi possível de ser instrumentalizado por novas estratégias de captação de territórios vizinhos como a crítica literária, a filosofia da diferença, a antropologia, a sociologia e muitas outras disciplinas.

Esse procedimento interdisciplinar (ou transdisciplinar) se configurou por uma nova compreensão dos objetos, das técnicas e dos níveis de cientificidade na prática do pesquisador, abrindo a possibilidade (para muito, radical) da produção de disciplinas compostas, como a proposta dos Estudos Culturais. Nessa contemporaneidade epistêmica, as ciências humanas se ocuparam de espaços que antes não eram da sua competência, reavaliando os seus limites de pertinência teórica e metodológica, ao trabalhar com novas abordagens que enfatizam a formação histórica das identidades sociais, compreendendo-as como uma fabricação relacional, marcada pela diferença, sendo a identidade tanto simbólica, quanto social, percebidas como historicamente específicas.

Esse novo processo de abordagem implicou na ressignificação de conceitos como narrativa, cultura, linguagem, identidade, discurso, objeto e, fundamentalmente, sujeito, todos postos diante da lógica da diferença e da multiplicidade, lemas da revisão pós-estruturalista das ciências humanas. A articulação dessas revisões criou para o campo histórico diversas configurações que enfatizam (em menor ou maior grau) as micro-narrativas em detrimento das macro-narrativas da história das civilizações e do homem ocidental, abrindo brechas para sujeitos antes marginalizados pelo saber histórico e social. Experiência, esta, que objetivou tipos sociais, comunidades compartilhadas, processos de subjetivação, políticas culturais e os lugares de produção das verdades sociais.

Esse trabalho nas margens redefiniu a tarefa dos Estudos Culturais, tendo por principal objetivo identificar as múltiplas formas de construção dos objetos de saber, através da procura em mapear como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada e dada a ler. Nesse sentido, as lutas de representações culturais teriam o mesmo alcance e relevância que as disputas econômicas (por exemplo) para entender os mecanismos agenciados pelos grupos sociais na sua constituição, a forma como eles se impõem na sociedade através das suas concepções de mundo e dos valores que lhes são próprios.

Esses níveis de compreensão desses novos domínios interdisciplinares foram elaborados a partir de dois procedimentos de pesquisa: a antropologização das práticas humanas e o estabelecimento das condições históricas dos discursos, considerando o caráter instituidor da linguagem ao nível das relações culturais. Por isso, o trato com os objetos das ciências humanas, antes marginais, se instituíram através das múltiplas práticas e das várias formas de reflexividade entorno. No entanto, esse movimento epistemológico não é propriedade do saber acadêmico, ele faz parte de um movimento reflexivo mais amplo, próprio da nossa sociedade contemporânea, marcada pelo exercício auto-reflexivo inaugurado na modernidade.

Esse movimento auto-reflexivo implicou, também, no debate sobre uma possível crise das ciências humanas, criada pela derrocada dos grandes modelos explicativos da realidade, gerando uma discussão epistemológica em torno da verdade, do simbólico, da finalidade das narrativas históricas e literárias, como também da gerência do tempo e da recepção do texto – questões que colocam a história e a literatura como leituras possíveis de uma recriação imaginária do real, articulando um debate já aberto por Michel de Certeau e Paul Ricoeur sobre a possibilidade de ler a história na literatura e/ou ver na literatura a história se escrevendo.

Essa percepção da representatividade dos discursos se torna mais evidente ainda no momento em que os pesquisadores se propõem a discutir as múltiplas formas de produção de uma identidade singular, seja de raça, de gênero, da nacionalidade, de religiosidade, pois tanto a historiografia quanto a literatura, enquanto disciplinas distintas, concorreriam à essa mesma função social. Nesse sentido, tanto o discurso histórico quanto o literário abriram espaço para problematizar a função de suas estratégias discursivas na configuração das identidades culturais, sendo os Estudos Culturais o espaço mais profícuo para repensar as práticas de subjetividade, demonstrando como as identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais são representados.

Foi também pensando em conferir um campo teórico e metodológico a esse movimento social de prática cultural e reflexividade que alguns intelectuais constituíram o chamado Estudos Culturais, uma área de saber caracterizada por uma abertura e versatilidade teórica que compreende disciplinas diversas, como sociologia, crítica literária, estudos de mídia e comunicação, lingüística e história. As concepções gerais de referência desses novos estudos se pautam pela compreensão da vinculação entre os processos culturais e as relações sociais e o

envolvimento das relações de poder no campo da cultura, promovendo um deslocamento da idéia de ideologia para abordagens centradas nas identidades sociais e nas subjetividades culturais.

Trata-se, segundo Kathryn Woodward, de uma história das identidades, das formas como as identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais são representados. Nesse sentido, a preocupação se orienta para a necessidade de conceitualização dos vários lugares identitários, de suas condições materiais e sociais; da diferença de lugares de sujeito (gênero, classe, raça, nacionalidade, religiosidade, etc) para responder a uma questão maior: por que e como os sujeitos investem em discursos identitários?

Este projeto se insere dentro desse campo de problematização objetivando analisar as representações que formulam um universo cultural identitário com a produção da chamada literatura de cordel, enfocando os textos referentes ao universo feminino.

Para isso, foi necessário por expandir aquilo que tradicionalmente era restrito ao pesquisador da literatura e lançar-se em outros territórios epistemológicos que pudessem configurar ferramentas conceituais para o trato com os textos poéticos, correlacionando a análise das formas textuais e suas interseções com a subjetividade dos leitores (exercício da crítica literária) dentro de uma problematização historiográfica que se circunscreve na escrita do poeta popular.

E como as identidades modernas estão sendo descentradas, deslocadas, fragmentadas, fazendo com que as paisagens culturais de classe gênero, sexualidade, etnia, raça, religiosidade e nacionalidade se reconfigurem, os indivíduos passam a vivenciar uma crise de identidade. Todo esse movimento de descentralização do indivíduo aliado a uma leitura dessa fragmentação das identidades emergiu desde a década de 1960, reavaliando espaços como o do feminismo, revolução sexual, liberação gay, entre outros. Essa nova composição histórica, acelerada nas décadas seguintes, propiciou a fabricação de uma vasta literatura sobre políticas identitárias, visando a reflexividade da emergência desses movimentos sociais. Essa literatura, em grande medida, fabricada na academia e nos fóruns de debates desses movimentos sociais, deu início a uma nova concepção de identidade, formada e transformada continuamente em relação às formas culturais pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

Essa concepção de identidade é, também tributária de uma nova concepção de sujeito. O sujeito perde seu caráter ontológico e essencialista e passa a ser problematizado como uma produção cultural e histórica, resultado da forma como vivem os rituais cotidianos, as linguagens,

as fantasias, as representações, os símbolos e as convenções sociais, desmistificando a idéia de que todos vivem os seus corpos e as suas subjetividades universalmente, da mesma maneira.

Desta forma, a identidade não é mais trabalhada como um lugar coerente, mas como uma prática política, colocando em jogo várias relações de poder. Por isso, as figurações literárias ordenadas nos jogos das diferenças e inseridas num debate político ganharam relevância para o entendimento das práticas culturais experimentadas no espaço público.

Logo a literatura passa a ser um dos lugares onde mais se evidenciam as novas políticas identitárias, ao produzir incessantes representações culturais sobre os sujeitos, visto que seria por meio dos sistemas simbólicos que damos sentido à nossa experiência seriam, portanto, o resultado de atos de criação lingüística, não sendo categorias do mundo natural ou transcendente, porém do mundo cultural e social, resultado de um processo de produção simbólica e discursiva.

Por toda essa capacidade discursiva contida na literatura é que o cordel foi escolhido neste trabalho como documento que nos fornecerá suporte para analisarmos a forma como as subjetividades femininas transitam nos espaços construídos pelos cordelistas, principalmente no tocante às mulheres solteiras, já que partindo de uma leitura moral da sociedade, estes explicitam em seus escritos valores e normas de comportamentos legitimados constantemente.

Escolhemos analisar a década de 1970, pois foi justamente nesta época em que a história das mulheres emerge e ganha musculatura, atrelada à explosão do feminismo, sendo também o período no qual mais encontramos cordéis tratando do tema enfocado nesta pesquisa.

Sobre as mulheres solteiras descritas pelos cordelistas, elas geralmente aparecem de uma maneira pejorativa, ou seja, são representadas como mulheres amargas, infelizes, complexadas com o espaço que ocupam socialmente. Assim, pretendemos perceber que práticas cotidianas são experimentadas pelas solteiras descritas nos cordéis analisados, pois essa documentação rica em descrições acerca da solteirice feminina demonstrará como se constrói e se cristaliza essa imagem estereotipada marginalizando as mulheres que não são compromissadas.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Horácio de. *Dicionário popular paraibano*. (1984). 2 ed. Campina Grande: Edições Grafset.
- ANDRADE, C. D. de. *Nova reunião: 19 livros de poesia*. (1987). 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio.
- ARAÚJO, Alceu Maynard. *Folclore Nacional: Ritos, sabença, linguagem, artes e técnicas*. (s.d.). São Paulo: Melhoramentos.
- BARHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais*. (1987). São Paulo: Hucitec.
- BARROS, José D' Assunção. *O campo da história: Especialidades e abordagem*. (2004). Petrópolis: Vozes.
- BENJAMIM, W. *A modernidade e os modernos*. (1975). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- BERNAD, Zilá e Utéza, Francis (org.). *Produção literária e identidades culturais*. (1998). Porto Alegre: Sagra Luzzato.
- BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. (1989). São Paulo: Cia das Letras.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão de identidade*. (2003). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Tradição, ciência do povo: Pesquisa na cultura popular do Brasil*. (1971). São Paulo: Perspectiva.
- CASSIRER, Ernst. *Linguagem e mito*. (1985). São Paulo: Perspectiva.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. (1982). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. (1982). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: Entre práticas e representações*. (1988). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- CHAUT, Marilena. *Cultura e democracia: O discurso competente e outras falas*. (1990). São Paulo: Cortez.
- CIRLOT, Juan Eduardo. *Dicionário de símbolos*. (1984). São Paulo: Moraes.
- CRIPPA, Adolpho. *Mito e cultura*. (1975). São Paulo: Convívio.
- DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: Mídia, cultura e revolução*. (1990). São Paulo: Cia das Letras.
- DURAND, G. *As estruturas antropológicas do imaginário*. (1997). Belo Horizonte: UFMG.
- FERRARA, Mircea. *O sagrado e o profano*. (1996). São Paulo: Martins Fontes.
- FORBES, Jorge. *Psicanálise: Problemas ao feminino*. (1996). Campinas: Papyrus.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. (1999). Rio de Janeiro: Graal.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. (1978). Rio de Janeiro: Zahar.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais*. (1989). São Paulo: Cia das Letras.
- GUATTARI, Félix, ROLNIK, Suely. *Micropolítica: Cartografias do desejo*. (1986). Petrópolis: Vozes.
- HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. (1992). São Paulo: Martins Fontes.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: Um conceito antropológico*. (1993). Rio de Janeiro: Zahar.
- LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: Ensaios de antropologia simétrica*. (1994). Rio de Janeiro: Editora 34.
- LE GOFF, Jacques. *A história nova*. (1998). São Paulo: Martins Fontes.
- LÉVY, Pierre. *O que é virtual?* (1996). São Paulo: Editora 34.
- LEXICON, Hans. *Dicionário de símbolos*. (s. d.). São Paulo: Cultrix.

- LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: Pedagogias da sexualidade*. (1999). Belo Horizonte: Autêntica.
- MATOS, Marlise. *Reinvenções do vínculo amoroso: Cultura e identidade de gênero na modernidade tardia*. (2004). Belo Horizonte: UFMG.
- Machado, A. M., PAGEAUX, D. H. *Da literatura comparada à teoria da literatura*. (1998). Lisboa: Edições 70.
- MCLAREN, Peter. *Multiculturalismo crítico*. (1997). São Paulo: Cortez.
- MICHELLETI, Guaraciaba. *Leitura e construção do real: O lugar da poesia e da ficção*. (2000). São Paulo: Cortez.
- ORLANDI, Eni P. *Discurso e leitura*. (1998). São Paulo: Cortez.
- RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da escrita*. (1995). São Paulo: Editora 34.
- RICOUËR, Paul. *Tempo e narrativa*. (1997). Campinas: Papirus.
- ROLNIK, Suely. *Cartografias Sentimentais: Transformações contemporâneas do desejo*. (1989). São Paulo: Estação Liberdade.
- ROMERO, Elaine. *Corpo, mulher e sociedade*. (1995). Campinas: Papirus.
- SCHLAFMAN, Léo. *A verdade e a mentira – novos caminhos para a literatura*. (1998). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. (2000). Petrópolis: Vozes.
- SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e. *Teoria e metodologia literária*. (1990). Lisboa: Universidade Aberta.
- SODRÉ, Muniz. *Reinventando a cultura*. (1996). Petrópolis: Vozes.
- SUBIRATS, Eduardo. *A cultura como espetáculo*. (1989). São Paulo: Nobel.
- TODOROV, Tzvetan. *Os gêneros do discurso*. (1981). Lisboa: Edições 70.
- VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. (1982). Brasília: Edunb.
- WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. (1992). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- ZILBERMAN, Regina, SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura: Perspectivas interdisciplinares*. (1998). São Paulo: Ática